

Oliver Stone & Peter Kuznick

**A HISTÓRIA
NÃO CONTADA
DOS ESTADOS UNIDOS**

Tradução de
Carlos Szlak

 FARO
EDITORIAL

*Para nossos filhos — Tara, Michael, Sean, Lexie,
Sara e Asmara — e o mundo melhor que eles e
todas as crianças merecem.*

AGRADECIMENTOS



UM PROJETO dessa envergadura exigiu o apoio, a ajuda e a paciência de inúmeras pessoas. Em relação ao filme, desejamos agradecer a: Fernando Sulichin, que conseguiu o financiamento e manteve a calma em tempos difíceis; Rob Wilson e Tara Tremaine, que nos apoiaram desde o início, selecionando arquivos em todo o mundo; Alex Marquez, que editou o material durante quatro anos e ao longo de muitas noites insones, auxiliado em diversos intervalos por Elliot Eisman, Alexis Chavez e Sean Stone. Em relação ao som, somos gratos a Craig Armstrong, Adam Peters, Budd Carr e Wylie Stateman. Do lado administrativo, nossos agradecimentos a Evan Bates, Suzie Gilbert e Steven Pines, que foram capazes de multiplicar os escassos recursos. Muito obrigado a Showtime, por meio de duas administrações distintas: David Nevins, por sua visão; e a ajuda de Bryan Lourd, Jeff Jacobs, Simon Green e Kevin Cooper.

Concernente ao livro: agradecemos aos colegas de Peter e aos estudantes de pós-graduação do Departamento de História da *American University*. Max Paul Friedman ofereceu seu conhecimento em história da política externa dos Estados Unidos lendo todo o original com extremo cuidado, contestando algumas das nossas interpretações e nos salvando de erros grandes e pequenos. Como as relações entre Estados Unidos e União Soviética e entre Estados Unidos e Rússia figuram de maneira tão destacada na história norte-americana, recorremos amplamente ao conhecimento do historiador russo Anton

Fedyashin, que sempre se dispôs a responder a perguntas e verificar as fontes linguísticas russas, para garantir que entendemos as coisas direito. Entre os outros colegas de Peter que responderam generosamente as perguntas com respeito aos seus campos de estudos históricos destacaram-se os professores: Mustafa Aksakal, Richard Breitman, Phil Brenner, Ira Klein, Allan Lichtman, Eric Lohr e Anna Nelson.

Entre os estudantes de pós-graduação, Eric Singer e Ben Bennett foram indispensáveis. Eles colaboraram em diversas tarefas de pesquisa, deixando de lado as suas próprias atividades de investigação e escrita. Eric foi responsável pela localização de informações obscuras que ninguém mais foi capaz de encontrar. Ben, entre suas muitas contribuições, encarregou-se de achar os recursos visuais que adicionaram uma importante dimensão a este livro. Entre outros estudantes de doutorado, atuais e antigos, que trabalharam muito neste projeto, incluem-se Rebecca DeWolf, Cindy Gueli, Vincent Intondi, Matt Pembleton, Terumi Rafferty-Osaki e Jay Weixelbaum. O auxílio adicional de pesquisas e orientações fecundas foi oferecido por Daniel Cipriani, Nguyet Nguyen, David Onkst, Allen Pietrobon, Arie Serota e Keith Skillin.

Diversos amigos e colegas também proporcionaram auxílio inestimável ao longo do caminho. Daniel Ellsberg foi muito generoso com seus lampejos, sugestões, leituras críticas e apoio empolgado. Seu conhecimento de muita coisa dessa história permanece sem igual. Entre outros acadêmicos que puseram generosamente à disposição seu tempo e sua qualificação, responderam a perguntas e sugeriram documentos, incluem-se Gar Alperovitz, Robert Berkowitz, Bill Burr, Bob Dreyfuss, Carolyn Eisenberg, Ham Fish, Michael Flynn, Irena Grudzinska Gross, Hugh Gusterson, Anita Kondoyanidi, Bill Lanouette, Milton Leitenberg, Robert Jay Lifton, Arjun Makhijani, Ray McGovern, Roger Morris, Satoko Oka Norimatsu, Robert Norris, Robert Parry, Leo Ribuffo, Jonathan Schell, Peter Dale Scott, Mark Selden, Marty Sherwin, Chuck Strozier, Janine Wedel e Larry Wittner.

Como o projeto levou muito tempo, encaramos a tristeza de perder quatro dos nossos maiores apoiadores ao longo do caminho: Howard Zinn, Bob Griffith, Charlie Wiener e Uday Mohan.

Barbara Koeppel ofereceu ajuda adicional com os recursos visuais e as legendas. Erin Hamilton proporcionou visões valiosas do Chile. Matt Smith e Clement Ho, da biblioteca da *American University*, prestaram grande auxílio para a descoberta de fontes e a oferta de outras assistências.

À equipe da Gallery Books que fez todo o possível para atender aos nossos pedidos de última hora, enquanto corríamos para concluir os dois projetos no prazo. Somos especialmente gratos ao nosso editor, Jeremie Ruby-Strauss, e à sua assistente, Heather Hunt. Também queremos agradecer a Louise Burke, Jen Bergstrom, Jessica Chin, Emily Drum, Elisa Rivlin, Emilia Pisani, Tricia Boczkowski, Sally Franklin, Jen Robinson, Larry Pekarek e Davina Mock.

Lexie e Simki Kuznick, respectivamente, filha e mulher de Peter, que ajudaram na pesquisa e na preparação das notas de rodapé, e Simki que também leu atenta e pacientemente diversos rascunhos deste original com a habilidade de uma editora e o olhar de uma poetisa.



CAPÍTULO 1



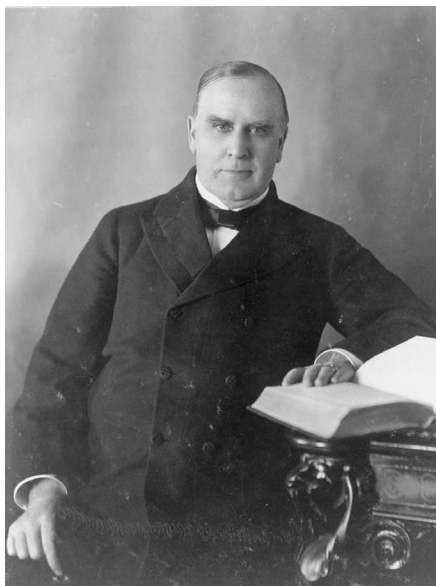
EM 2000, a eleição presidencial entre George Bush e Al Gore colocou os norte-americanos diante de uma escolha clara entre duas visões distintas de futuro. Poucos recordam que exatamente cem anos antes os norte-americanos foram convocados a fazer uma escolha semelhante: os eleitores tiveram de decidir se os Estados Unidos deviam ser uma república ou um império.

A visão do futuro norte-americano do presidente William McKinley, candidato à reeleição pelo Partido Republicano, se concentrava no “livre comércio” e no império no exterior. Em contraste, o democrata William Jennings Bryan era um anti-imperialista sincero.

Poucos notaram uma terceira opção: Eugene V. Debs, candidato socialista à presidência. O movimento socialista representava a nova classe trabalhadora. Para os socialistas, o império significava apenas uma única coisa: exploração.

McKinley concorreu apregoando a economia em crescimento e a vitória contra a Espanha na guerra de 1898. Ele acreditava que os Estados Unidos deviam se expandir para sobreviver.

Bryan, populista de Nebraska conhecido como “o Grande Plebeu”, era inimigo dos magnatas da indústria e dos banqueiros e tinha certeza de que a visão de McKinley provocaria uma catástrofe. Ele chegou a citar o comentário de Thomas Jefferson: “Se há um princípio mais profundamente enraizado do que qualquer



A eleição presidencial de 1900 colocou o republicano William McKinley (à esquerda), patrocinador do império norte-americano e defensor convicto do *establishment* da costa leste, contra o democrata William Jennings Bryan (à direita), populista da região centro-oeste e anti-imperialista sincero. Com a vitória de McKinley, as advertências de Bryan contra o império norte-americano seriam ignoradas de forma trágica.

outro na mente de cada norte-americano é o de que não devemos ter nada a ver com a conquista.”

Naquele momento, após ter anexado diversas colônias estrangeiras — Filipinas, Guam, Pago Pago, Ilha Wake, Atol Midway, Havaí e Porto Rico — e reivindicado controle prático sobre Cuba, os Estados Unidos estavam a ponto de trair sua contribuição mais preciosa para a humanidade.

Embora a maioria dos norte-americanos achasse que os Estados Unidos tinham cumprido seu “destino manifesto”, expandindo-se através da América do Norte, foi William Henry Seward, secretário de Estado de Abraham Lincoln e Andrew Johnson, que articulou uma visão muito mais grandiosa do império norte-americano. Ele visou a aquisição do Havaí, do Canadá, do Alasca, das Ilhas Virgens, do Atol

Midway e de partes da República Dominicana, do Haiti e da Colômbia. De fato, muito desse sonho iria se realizar.

No entanto, enquanto Seward sonhava, os impérios europeus agiam. A Grã-Bretanha deu o tom nos últimos trinta anos do século XIX, abocanhando 12,2 milhões de quilômetros quadrados de território; uma área significativamente maior que os Estados Unidos. Os britânicos, como os romanos de outrora, acreditavam que sua missão era levar civilização à humanidade. A França adicionou 9 milhões de quilômetros quadrados. A Alemanha, começando tarde, acrescentou 2,6 milhões de quilômetros quadrados. Somente o império espanhol estava em declínio.

Em 1878, os impérios europeus e suas ex-colônias controlavam 67% da superfície terrestre do planeta. E, em 1914, controlavam surpreendentes 84%. Na década de 1890, os europeus tinham dividido 90% da África; a maior parte reivindicada pela Bélgica, pela Grã-Bretanha, pela França e pela Alemanha.

Os Estados Unidos estavam ansiosos para recuperar o atraso, e, embora a ideia de império fosse um conceito hostil para os norte-americanos — a maioria dos quais de origem imigrante —, aquele era um tempo dominado pelos *robber barons* (literalmente, barões ladrões; pejorativamente, designa os grandes industriais norte-americanos) — em particular, uma aristocracia conhecida como “os Quatrocentos”, com seus enormes patrimônios, exércitos privados e batalhões de funcionários. Homens como J. P. Morgan, John D. Rockefeller e William Randolph Hearst detinham imenso poder.

Os burgueses, assombrados com visões dos operários revolucionários que criaram a Comuna de Paris de 1871, imaginaram visões apavorantes similares de radicais subvertendo o sistema nos Estados Unidos. Esses radicais, ou partidários da Comuna, também eram chamados de comunistas mais de cinquenta anos antes da Revolução Russa de 1917.

A rede ferroviária de 24 mil quilômetros de Jay Gould simbolizou o pior dos barões ladrões. Gould, talvez o homem mais odiado dos Estados Unidos, certa vez alardeou que podia “contratar metade da classe trabalhadora para matar a outra metade”.

Em 1893, o pânico financeiro da “Black Friday” atingiu Wall Street e desencadeou a pior depressão dos Estados Unidos até hoje. Oficinas, fábricas, fornos de fundição e minas fecharam por toda parte e em grande quantidade. Quatro milhões de pessoas perderam seus empregos. O desemprego alcançou 20% da população.

O American Railway Union — sindicato dos ferroviários norte-americanos —, liderado por Eugene Debs, reagiu às demissões e às reduções salariais da Palace Car Company, de George Pullman, e paralisou as ferrovias do país. As tropas federais foram enviadas a pedido dos magnatas proprietários das estradas de ferro. Dezenas de trabalhadores foram mortos e Debs passou seis meses na cadeia.

Os socialistas, os sindicalistas e os reformistas norte-americanos protestavam, afirmando que as depressões cíclicas do capitalismo resultavam do subconsumo da classe trabalhadora. Com suas fotos pioneiras, Jacob Riis chocou os Estados Unidos documentando a miséria dos pobres de Nova Iorque. Os líderes da classe trabalhadora defendiam a redistribuição da riqueza, de modo que os trabalhadores tivessem condições de comprar os produtos que produziam nas fazendas e fábricas norte-americanas.

No entanto, os Quatrocentos — os oligarcas — reagiram, dizendo que aquilo era uma forma de socialismo. Afirmaram que poderia haver um bolo maior para todos, sustentando que os Estados Unidos tinham de concorrer com impérios estrangeiros e dominar o comércio mundial, de modo que os demais países absorvessem os crescentes excedentes norte-americanos. Sem dúvida, o lucro estava no exterior: no comércio, na mão de obra barata e nos recursos baratos.

O prêmio principal era a China. Para explorar esse imenso mercado, os Estados Unidos precisariam de uma marinha de guerra moderna, movida a vapor, e de bases em todo o mundo, para concorrer com o Império Britânico e sua importante concessão no porto de Hong Kong. A Rússia, o Japão, a França e a Alemanha também estavam brigando para entrar.

Os homens de negócios começaram a reivindicar um canal através da América Central que ajudaria a abrir a porta para a Ásia.

Em 1898, nesse clima de concorrência global, os Estados Unidos anexaram o Havai. Quase cem anos depois, uma resolução do Congresso norte-americano pediu desculpas “aos nativos havaianos” pela privação do direito “à autodeterminação”.

Cuba, a menos de 150 quilômetros das costas da Flórida, tinha se revoltado contra o corrupto domínio espanhol, e a Espanha reagiu, prendendo grande parte da população em campos de concentração, onde 95 mil pessoas morreram de doenças. Com o recrudescimento do conflito, poderosos banqueiros e homens de negócios, como os Morgan e os Rockefeller, que tinham milhões de dólares investidos na ilha, exigiram uma ação do presidente para proteger seus interesses.

O presidente McKinley enviou o encouraçado *USS Maine* para o porto de Havana como sinal para os espanhóis de que os Estados Unidos estavam atentos aos interesses norte-americanos.

Certa noite, em fevereiro de 1898, num calor tropical de mais de 37 graus Celsius, o *Maine* explodiu e afundou, supostamente sabotado pelos espanhóis, matando 254 marinheiros. A imprensa marrom norte-americana — encabeçada pelo *New York Journal*, de William Randolph Hearst, e pelo *New York World*, de Joseph Pulitzer — comandou uma reação histórica, criando um clima em favor da guerra.

O *New York Journal* apregoava: “Lembrem-se do *Maine*. Para o inferno com a Espanha!” Milhões de leitores liam isso, certos de que a Espanha, aquele decadente poder católico, era capaz de qualquer ação diabólica para preservar seu império. Quando McKinley declarou guerra, Hearst reivindicou o crédito: “O que vocês acham da guerra do *Journal*?”, ele perguntou.

Frequentemente lembrada pela batalha da colina de San Juan, sob o comando de Teddy Roosevelt, a Guerra Hispano-Americana durou três meses. O Secretário de Estado John Hay classificou-a como uma “esplêndida pequena guerra”. Entre os quase 5,5 mil mortos norte-americanos, menos de quatrocentos morreram em combate; o resto foi vítima de doenças.

Smedley Darlington Butler, de 16 anos, mentiu sua idade e se alistou no corpo de fuzileiros navais. Ele se tornaria um dos heróis militares norte-americanos mais famosos e ganhador de duas Medalhas de



ACIMA: Arando a terra num canavial cubano.

À ESQUERDA: A sede da United Fruit Company, em New Orleans. A Guerra Hispano-Americana foi bastante lucrativa para os homens de negócios norte-americanos. Depois que a guerra em Cuba terminou, a United Fruit adquiriu 770 mil hectares de terras cubanas, pagando cinquenta centavos de dólar por hectare.

Honra do Congresso numa carreira que abarcaria a conversão inicial dos Estados Unidos em império global.

Com a vitória, os homens de negócios norte-americanos apropriaram-se dos ativos de que foram capazes, transformando Cuba num protetorado. A United Fruit Company tomou posse de quase 800 mil

hectares de terras para a produção de açúcar. Em 1901, a Bethlehem Steel e outras empresas norte-americanas controlavam 80% dos minérios cubanos.

Em 1976, ou seja, mais de setenta anos depois da ocorrência, uma pouco divulgada investigação oficial da marinha descobriu que a causa mais provável do naufrágio do *Maine* foi a explosão de uma caldeira, devido ao calor tropical, que provocou a combustão das munições da embarcação. Assim, como na guerra do Vietnã e nas duas guerras do Iraque, os Estados Unidos, baseando sua reação em informações falsas, entraram em guerra porque quiseram.

No brilho da vitória, porém, os Estados Unidos se viram diante de um problema muito maior. No Extremo Oriente, o país conquistara da Espanha uma quantidade imensa de terras, mas em ruínas — as Ilhas Filipinas —, que eram vistas como parada ideal de reabastecimento para os navios cujo destino era a China. Como na invasão de Bagdá, em 2003, a luta ali começou com êxito. Em maio de 1898, o comodoro George Dewey havia destruído a frota espanhola na Baía de Manila. Um comentarista anti-imperialista observou: “Dewey conquistou Manila com a perda de um único homem e de todas as nossas instituições.”

A Liga Anti-Imperialista, fundada em Boston em 1898, procurou obstruir a anexação das Filipinas e de Porto Rico pelos Estados Unidos. Entre seus membros, incluía-se Mark Twain que fez uma pergunta memorável: “Vamos continuar concedendo nossa civilização aos povos que vivem nas trevas ou só iremos dar uma sobra para aqueles coitados?”.

O presidente McKinley escolheu a segunda opção, optando pela anexação: “Não restava mais nada a fazer a não ser submeter e educar os filipinos, elevá-los e civilizá-los, e, pela graça de Deus, envidar nossos melhores esforços por eles, por quem Cristo também morreu”, ele declarou.

No entanto, McKinley se deparou com um problema sério: os próprios filipinos. Sob a liderança impetuosa de Emilio Aguinaldo, os filipinos tinham proclamado sua própria república em 1899, após se libertarem da Espanha, e, como os rebeldes cubanos, esperavam que os Estados Unidos reconhecessem essa liberdade. Eles, porém,



Durante a Guerra Hispano-Americana, nas Filipinas, as atrocidades eram comuns. As tropas norte-americanas utilizaram a tortura que agora denominamos afogamento simulado. Um jornalista escreveu que “nossos soldados forçam os inimigos a engolir água salgada para obrigá-los a falar”.

superestimaram seu suposto aliado. E, naquele momento, resistiram. Houve um protesto, e norte-americanos caíram mortos nas ruas de Manila. A imprensa marrom norte-americana clamou por vingança contra os bárbaros. A tortura, incluindo o afogamento simulado, tornou-se rotina. Os insurgentes, ou “nossos pequenos irmãos morenos” como William Howard Taft, governador-geral das Filipinas, denominava-os, eram forçados a engolir água salgada até incharem como sapos, para “obrigá-los a falar”. Um soldado escreveu para casa: “Todos nós queremos matar os ‘pretos’. [...] Caçar seres humanos é muito melhor que caçar coelhos.”

Era uma guerra de atrocidades. Depois que os rebeldes emboscaram as tropas norte-americanas na ilha de Samar, o coronel Jacob Smith ordenou que seus homens matassem todos os filipinos maiores de dez anos e transformassem a ilha num “imenso deserto”.



Cadáveres de filipinos. Um jornalista da Filadélfia relatou que os soldados colocavam os filipinos sobre uma ponte e os executavam. Os corpos caíam na água e flutuavam rio abaixo para que todos vissem.

Mais de quatro mil soldados norte-americanos não voltaram dessa guerra de guerrilha que durou três anos e meio. Vinte mil guerrilheiros filipinos foram mortos e cerca de 200 mil civis morreram - muitos de cólera. No entanto, por causa dos informes jornalísticos distorcidos, os norte-americanos se confortavam com a ideia de que tinham difundido a civilização para um povo atrasado.

A sociedade norte-americana se tornou mais insensível depois dessa guerra. A doutrina da superioridade anglo-saxã, que justificava um império nascente, também ia envenenando as relações sociais no país à medida que os racistas sulistas, recorrendo a argumentos similares, intensificavam sua campanha para reverter o resultado da Guerra de Secessão e aprovavam novas leis de Jim Crow, impondo a supremacia branca e a segregação.

Na China, uma aspiração semelhante por independência levou a autóctone Guerra dos Boxers, que durou de 1898 a 1901. Chineses

nacionalistas rebelaram-se com fúria, mataram missionários e expulsaram todos os invasores estrangeiros. McKinley enviou cinco mil soldados para ajudar os europeus e os japoneses a derrotar os rebeldes.

O tenente Smedley Butler estava na força invasora, comandando seus fuzileiros navais até Pequim, onde viu pessoalmente a maneira como os europeus vitoriosos tratavam os chineses. Ele ficou enojado.

Dessa maneira, como em 2008, a eleição presidencial norte-americana de 1900 ocorreu com as tropas norte-americanas presentes em diversos países, neste caso: China, Cuba e Filipinas. E, mesmo assim, McKinley, regozijando-se com o brilho da vitória contra a Espanha, derrotou Bryan por uma margem maior do que a obtida em 1896. Eugene Debs, o candidato socialista, alcançou menos de 1% dos votos. Os eleitores tinham, evidentemente, endossado a visão de McKinley de “livre comércio” e império.

Em 1901, no auge de sua popularidade, McKinley foi assassinado por um anarquista. O assassino lamentara as atrocidades norte-americanas nas Filipinas. O novo presidente, Theodore Roosevelt, imperialista ainda mais despuadorado, deu sequência às políticas expansionistas de McKinley. E Roosevelt, articulando uma revolução no Panamá, uma província da Colômbia, assinou um tratado com o recém-criado governo panamenho para arrendamento da Zona do Canal, com o qual recebeu os mesmos direitos que os Estados Unidos impuseram sobre Cuba. O canal foi construído com grande dificuldade e foi, finalmente, aberto em 1914.

Os países que, naquele momento, eram chamados de “Repúblicas das Bananas”, considerados atrasados e com necessidade de lideranças fortes, passaram a ser governados por ditadores brutais, capazes de empurrar garganta abaixo dos trabalhadores e camponeses mais resistentes os interesses empresariais dos Estados Unidos. Para isso, contaram com o auxílio dos fuzileiros navais norte-americanos que passaram a ser enviados a esses países repetidas vezes, ano após ano.

Cuba. Honduras. Nicarágua. República Dominicana. Haiti. Panamá. Guatemala. México. Frequentemente, as ocupações norte-americanas duravam anos; às vezes, décadas.

O general Smedley Butler lutou nas Filipinas, na China e na América Central. Ele afirmou que era “um capanga de alto nível para as grandes empresas, para Wall Street e para os banqueiros. [...] Um gângster a serviço do capitalismo”.



Ninguém teve mais experiência direta na intervenção em outros países do que Smedley Butler, naquele momento, general de divisão do Corpo de Fuzileiros Navais. Ele era adorado por seus homens que começaram a chamá-lo de “Old Gimlet Eye” [velho de olhar penetrante] depois de ele ter sido acometido por uma febre tropical em Honduras que deixou seus olhos injetados. E, no final de sua carreira longa e cheia de condecorações, Butler refletiu sobre seus anos na ativa. Em seu livro, *War Is a Racket*, ele revelou: “Passei 33 anos e quatro meses no serviço ativo como membro do Corpo de Fuzileiros Navais, a força militar mais ágil dos Estados Unidos. Servi em todos os postos, desde segundo-tenente até general. E, nesse período, passei a maior parte do meu tempo como capanga de alto nível para as grandes empresas, para Wall Street e para os banqueiros. Em resumo, eu era um escroque, um gângster a serviço do capitalismo. Na ocasião,

suspeitei que fizesse parte de um negócio ilícito. Agora, tenho certeza. Como todos os membros da profissão militar, jamais tive um pensamento próprio até deixar o serviço. [...] Em 1914, ajudei a tornar o México, principalmente Tampico, um lugar seguro para os interesses petrolíferos norte-americanos. Ajudei a converter o Haiti e Cuba em lugares decentes para os rapazes do National City Bank poderem auferir lucros. Ajudei no estupro de meia dúzia de repúblicas centro-americanas em benefício de Wall Street. A folha corrida de negociatas é longa. De 1909 a 1912, ajudei a ‘limpar’ a Nicarágua em nome dos interesses da casa bancária internacional dos Brown Brothers. Em 1916, na República Dominicana, trabalhei em favor dos interesses açucareiros norte-americanos. Na China, ajudei a assegurar que a Standard Oil continuasse a agir sem ser molestada. Naqueles anos, fazia, como as pessoas que agem nas sombras diriam, negociatas excelentes. Olhando para trás, acho que poderia ter dado algumas sugestões para Al Capone. O melhor que ele poderia fazer era explorar seu negócio ilegal em três distritos. Eu atuava em três continentes.”

Ao longo dos anos, a franqueza custaria caro a Butler: ele foi preterido como comandante do Corpo de Fuzileiros Navais, que deixou em 1931 sob a sombra da discórdia.

Se “a guerra [era] um negócio ilícito”, como Butler dizia, a Primeira Guerra Mundial esteve entre os episódios de negociatas mais deploráveis da história. Um dos fatos menos conhecidos desse episódio é que, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, os bancos do Império Britânico estavam em crise. O modelo econômico da Grã-Bretanha, de canibalizar as economias de um número cada vez maior de regiões do mundo a fim de sobreviver e de não investir em seu próprio setor industrial, estava fracassando. Os ciclos de depressão iam e vinham.

Em contraste, o recém-unificado Império Alemão vinha liderando os países da Europa continental, afastando-se do livre comércio e adotando medidas protecionistas que estimulavam o crescimento de uma base industrial doméstica não tão dependente da colonização.

A Alemanha estava competindo na produção de aço, energia elétrica, energia química, agricultura, ferro, carvão e têxteis. Seus bancos e suas ferrovias estavam se desenvolvendo, e, na batalha por petróleo,

o mais novo combustível estratégico, que era necessário para mover os navios modernos, a marinha mercante alemã se aproximava rapidamente da britânica. A Inglaterra, naquele momento bastante dependente das importações de petróleo dos Estados Unidos e da Rússia, estava desesperada para descobrir novas reservas potenciais no Oriente Médio, que era parte do cambaleante Império Otomano.

E quando os alemães começaram a construir uma ferrovia para importar esse petróleo de Bagdá para Berlim mediante suas alianças com o Império Otomano, a Grã-Bretanha se opôs de forma intensa. Os interesses de seus impérios egípcio e indiano viram-se ameaçados. Uma imensa agitação nos Bálcãs, especialmente na Sérvia, ajudou a impedir a conclusão da ferrovia Berlim-Bagdá.

De fato, foi um assunto secundário na Sérvia que finalmente deflagrou a cadeia de acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, quando o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do Império Austro-Húngaro, e sua mulher foram assassinados nas ruas de Sarajevo, no quente verão de 1914. A situação se deteriorou rapidamente e uma série de alianças complexas entre impérios econômicos concorrentes levou à maior guerra da história até então.

A guerra foi uma carnificina do início ao fim, num nível incompreensível para o público. Em 1915, na Primeira Batalha do Marne, os britânicos, os franceses e os alemães sofreram 500 mil baixas, cada um. A guerra durou além de todas as expectativas. Em um único dia brutal, na região do rio Somme, os britânicos perderam 60 mil homens. Em 1916, a França e a Alemanha sofreram quase um milhão de baixas durante a Batalha de Verdun.

A França, ao ordenar repetidas vezes que seus soldados enfrentassem o poder das metralhadoras e da artilharia alemã, acabou perdendo metade dos seus jovens entre 15 e trinta anos. Em abril de 1915, na Segunda Batalha de Ypres, a Alemanha utilizou gás tóxico, depois de uma tentativa fracassada em Bolimów, na linha de frente oriental, atingindo as tropas francesas ao longo de seis quilômetros de trincheiras. O *The Washington Post* relatou que os soldados franceses enlouqueceram ou morreram asfixiados, com seus corpos ficando pretos, verdes ou amarelos.



Em Camp Dix, New Jersey, soldados norte-americanos passam por treinamento contra gases tóxicos. Apesar de ser proscrita por séculos, a guerra química tornou-se comum na Primeira Guerra Mundial. Milhares de homens morreram em consequência de ataques com gases tóxicos.

Em setembro, em Loos, os britânicos retaliaram com gás, mas a direção do vento mudou e o gás voltou, atingindo as trincheiras britânicas, o que resultou em mais baixas britânicas do que alemãs. Em 1917, a Alemanha soltou contra os britânicos armas ainda mais potentes contendo gás mostarda, novamente em Ypres.

O escritor Henry James afirmou: “O mergulho da civilização nesse abismo de sangue e escuridão é uma coisa que trai todo o longo período em que tínhamos achado que o mundo estava melhorando gradualmente.”

Woodrow Wilson era a encarnação do ideal pré-guerra de esperança e civilização imaginado por Henry James. Eleito presidente

pela primeira vez em 1912, ele ecoou a maior parte da afinidade dos norte-americanos pelos Aliados (Grã-Bretanha, França, Itália, Japão e Rússia) contra as Potências Centrais (Alemanha, Áustria, Hungria e Turquia), mas ele não ingressou na guerra, explicando: “Temos de ser neutros, já que nossas populações mistas fariam guerra umas contra as outras.”

Em 1916, Wilson conquistou a reeleição usando o *slogan* “Ele nos manteve fora da guerra”. No entanto, em pouco tempo, mudaria de ideia.

Wilson era um homem interessante. Fora reitor da Universidade de Princeton e governador de New Jersey. Descendente de ministros presbiterianos dos dois lados da família, exibia um forte traço moralista e, às vezes, uma inflexibilidade fanática.

Wilson compartilhava a noção missionária do papel global dos Estados Unidos e acreditava na exportação da democracia — mesmo para países relutantes em recebê-la. Também compartilhava a noção dos seus ancestrais sulistas da superioridade racial branca e tomou medidas para ressegregar o governo federal. Quando uma delegação de afro-americanos entregou-lhe um abaixo-assinado, ele respondeu: “A segregação não é uma humilhação, mas um benefício.”

O velho anti-imperialista William Jennings Bryan, então atuando como secretário de Estado de Wilson, procurou manter a neutralidade norte-americana na guerra, mas Wilson rejeitou suas iniciativas de impedir os cidadãos norte-americanos de viajar em navios dos países beligerantes.

A Grã-Bretanha, que por quase um século controlara o Atlântico Norte com seu poder naval, lançara um bloqueio da Europa Setentrional. A Alemanha retaliou com uma campanha bastante eficaz envolvendo submarinos que pareceu inclinar o equilíbrio de poder em alto-mar. Em maio de 1915, um submarino alemão afundou o transatlântico britânico *Lusitania*, deixando 1,2 mil mortos, incluindo 128 norte-americanos. Foi um choque. Muitas vozes exigiram a entrada dos Estados Unidos na guerra. No entanto, apesar dos repúdios iniciais, descobriu-se que o navio tinha, de fato, violado as leis de neutralidade e transportava um grande carregamento de armas para a Grã-Bretanha.

Bryan exigiu que Wilson condenasse o bloqueio britânico da Alemanha e também o ataque alemão, considerando ambos violações dos direitos de neutralidade. Quando Wilson se recusou, Bryan renunciou em protesto, receando que o presidente estivesse caminhando na direção da guerra. Ele tinha razão. Wilson acreditava cada vez mais que se os Estados Unidos não entrassem na guerra ficariam de fora da formação do mundo do pós-guerra.

Assim, em janeiro de 1917, Wilson, de maneira dramática, fez o primeiro discurso presidencial formal ao Senado desde os dias de George Washington. Ele pregou uma “paz sem vitória”, com base nos princípios básicos norte-americanos de autodeterminação, liberdade de navegação nos mares e um mundo aberto sem alianças emaranhadas. O aspecto principal desse mundo seria uma liga das nações para impor a paz. O idealismo de Wilson sempre foi duvidoso, pois parecia ser solapado sistematicamente por sua política. A neutralidade norte-americana naquela guerra foi, de fato, mais um princípio do que uma prática.

J. P. Morgan e Rockefeller, da Standard Oil, foram os dois gigantes das finanças norte-americanas desde a Guerra de Secessão. Morgan morreu em 1913, mas seu filho, J. P. Morgan Jr., atuou eficazmente como banqueiro norte-americano para o Império Britânico entre 1915 e 1917, quando os Estados Unidos entraram na guerra.

Inicialmente, o governo dos Estados Unidos não permitiu que seus banqueiros fizessem empréstimos aos países beligerantes, por saber que isso solaparia a declarada neutralidade norte-americana. Mas, em setembro de 1915, em seu primeiro mandato, Wilson, ignorando o conselho de Bryan, fez o contrário. E naquele mês, Morgan emprestou 500 milhões de dólares para a Grã-Bretanha e para a França. Em 1917, o Departamento de Guerra britânico tomou emprestado 2,5 bilhões de dólares do House of Morgan e de outros bancos de Wall Street. Somente 2,7 milhões de dólares foram emprestados para a Alemanha.

Em 1919, depois da guerra, a Grã-Bretanha se viu devendo aos Estados Unidos a espantosa soma de 4,7 bilhões de dólares (61 bilhões de dólares em moeda atual). Morgan também se tornou o único representante de compras do Império Britânico nos Estados Unidos. Ele emitiu cerca de 20 bilhões de dólares em pedidos de compras e ganhou uma



Robert "Fighting Bob" La Follette, de Wisconsin, foi um dos seis senadores que votaram contra a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial.

comissão de 2% sobre o preço de todos os produtos, favorecendo amigos como os donos da Du Pont Chemical, Remington e Winchester Arms.

Sistematicamente, o socialista Eugene Debs incitava os trabalhadores a se oporem à guerra, observando: "Deixem os capitalistas cuidarem da sua própria briga e fornecerem seus próprios cadáveres e jamais haverá outra guerra na face da terra."

Quer por motivos financeiros, quer idealistas, em abril de 1917, Woodrow Wilson pediu ao Congresso uma declaração de guerra, afirmando: "O mundo deve se tornar seguro para a democracia." Seis senadores votaram contra, incluindo Robert La Follette, de Wisconsin, assim como cinquenta deputados, entre eles Jeannette Rankin, de Montana, a primeira mulher eleita para o Congresso.

Os adversários atacaram Wilson, acusando-o de instrumento de Wall Street. "Estamos colocando o símbolo do dólar na bandeira norte-americana", acusou o senador George Norris, de Nebraska. A oposição foi firme, mas Wilson conseguiu o que queria.

No entanto, apesar dos apelos do governo por um milhão de voluntários, os relatos dos horrores da guerra de trincheiras refreou

o entusiasmo e apenas 73 mil homens se alistaram nas primeiras seis semanas, o que forçou o Congresso a instituir o serviço militar obrigatório.

No início de 1918, parecia que as Potências Centrais poderiam ganhar a guerra e derrotar os Aliados, o que ameaçava deixar os banqueiros norte-americanos num enorme apuro financeiro. Os Estados Unidos se restabeleceram com a campanha do patriótico *Liberty Bond* [bônus de guerra]. E muitos dos principais líderes progressistas do país, incluindo John Dewey e Walter Lippmann, apoiaram Wilson. No entanto, foram republicanos do centro-oeste, como La Follette e Norris, que entenderam que a guerra era uma sentença de morte para reformas significativas no país.

E o Congresso confirmou isso aprovando algumas das leis mais repressivas da história do país — a *Espionage Act* [lei de espionagem], de 1917, e a *Sedition Act* [lei de sedição], de 1918 —, que reprimiram a liberdade de expressão e criaram um clima de intolerância contra as discordâncias.

Os professores universitários que se opunham à guerra eram demitidos ou calados. Centenas de pessoas foram presas por se expressar, incluindo “Big Bill” Haywood, líder do sindicato Industrial Workers of the World (IWW). Eugene Debs protestou seguidamente e em junho de 1918, finalmente detido, afirmou: “Ao longo da história, as guerras foram travadas para conquista e pilhagem, e isso é a guerra, em poucas palavras. [...] A classe dominante sempre declarou as guerras; a classe subalterna sempre travou as batalhas.”

Antes de ser sentenciado, Debs se dirigiu de modo eloquente para a sala do tribunal: “Meritíssimo, anos atrás reconheci minha ligação com todos os seres vivos e decidi que eu não era nem um pouco melhor que o mais ínfimo ser do mundo. Eu disse, então, e digo agora, que enquanto existir uma classe inferior, a ela pertencerei; enquanto existir um elemento criminoso, dele serei parte; enquanto existir uma criatura na prisão, não serei livre.”

O juiz sentenciou Debs a dez anos de prisão. Ele cumpriu três, de 1919 a 1921.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
GRÁFICA PROL EM JUNHO DE 2015